MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia
ISSN 2318-0811
Volume I, Número 1 (Janeiro-Junho 2013): 271-274



As Seis Lições

Ludwig von Mises

Tradução de Maria Luiza Borges

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 7ª Ed., 2009. (106 páginas).
ISBN: 978-85-62816-01-7

Podemos contar nos dedos das mãos os economistas que escreveram e que escrevem de maneira a que todos consigam compreender o que estavam ou estão querendo dizer. Correndo o risco de estarmos cometendo alguma injustiça por omissão, mencionamos três dentre esses, digamos, bons divulgadores da ciência econômica para leigos: Frédéric Bastiat (1801-1850), Hannz Sennholz (1922-2007) e Milton Friedman (1912-2006), este último apenas quando não se dirigia a públicos acadêmicos. Mas existiu um quarto, o economista austríaco Ludwig von Mises (1881- 1973), o grande defensor das liberdades individuais cujo livro *As Seis Lições* é objeto desta resenha.

Mises, um dos expoentes (talvez o maior) da Escola Austríaca de Economia não se cansava de dizer que a boa teoria econômica é aquela simples, que descreve os fenômenos do dia a dia, e não aquela outra, complicada e muitas vezes labiríntica, que está na imensa maioria dos livros e artigos de Economia. Uma de suas frases mais conhecidas é exatamente *"good economics is basic economics"*.

No ano de 1958, pouco tempo depois da queda de Juan Domingo Perón, Mises esteve em Buenos Aires, a convite de Alberto Benegas Lynch, para proferir uma série de conferências sobre a economia para centenas de estudantes universitários. Essas *lectures* tornaram-se famosas por sua clareza extraordinária na abordagem de temas complexos, como capitalismo, socialismo, intervencionismo, inflação, investimento externo e na visão sobre política e ideias.

Como escreveu sua viúva Margit von Mises (1890-1993):

> Chegamos à Argentina alguns meses depois [de Juan Domingo Perón (1895-1974) ter deixado o governo]. Ele governara desastrosamente e destruíra por completo as bases econômicas da Argentina. Seu sucessor, Eduardo Lonardi (1896-1956), não foi muito melhor. A nação estava pronta para novas ideias e meu marido, igualmente, pronto a fornecê-las. Suas conferências foram proferidas em inglês, no enorme auditório da Universidade de Buenos Aires. Em duas salas contíguas, estudantes ouviam com fones de ouvido suas palavras que eram traduzidas para o espanhol. Ludwig von Mises falou sem nenhuma restrição sobre capitalismo, socialismo, intervencionismo, comunismo, fascismo, política econômica e sobre os perigos da ditadura. Aquela gente jovem que o ouvia não sabia muito acerca de liberdade de mercado ou de liberdade individual.

As conferências foram gravadas e as fitas transcritas foram revistas por Margit, que teve extremo cuidado em preservar o significado de cada frase de seu marido, cada expressão peculiar que ele costumava usar. Seu único cuidado, para que as conferências pudessem ser publicadas em livro, foi reordenar frases e escoimar expressões características da linguagem oral informal.

O resultado foi o livro *As Seis Lições*, um extraordinário resumo das ideias liberais, compreensível a qualquer público e que, para ser entendido, requer tão somente bom senso. Este livro é tão importante para mim que sempre que algum estudante ou interessado

em conhecer a Escola Austríaca de Economia me procura para indicar algumas leituras, coloco-o sempre em primeiro lugar, antes de outras obras do próprio Mises e de outros autores austríacos, até mesmo de meus dois livros introdutórios sobre o tema. A clareza de Mises, sua lógica, seu raciocínio, seu tirocínio, seu discernimento permanecem inigualáveis.

Como vimos, o livro está dividido em seis capítulos, cada um versando sobre um dos seis temas que foram objeto das palestras em Buenos Aires.

O primeiro é sobre o capitalismo, sob o ponto de vista da aplicação de seus princípios ao mundo real. Mises vê o capitalismo dentro da perspectiva austríaca, ou seja, como um sistema em que vigem a economia de mercado e a propriedade dos meios de produção. Sob essa ótica, mostra que em uma economia de mercado não são os capitalistas ou empresários quem determinam o que deve ser produzido, mas sim os consumidores, que devem ser considerados como os verdadeiros soberanos no mercado. Argumenta com razão indiscutível que a origem do capitalismo se deveu à necessidade de produzir em massa, com vistas a satisfazer as necessidades do excedente populacional do século XIX, que mostrou um êxodo sem precedentes dos campos para as cidades na Europa. O sucesso do sistema capitalista depende claramente de sua capacidade de satisfazer as demandas dos consumidores e é um sistema em que existe mobilidade social, na medida em que ganha mais quem melhor consegue atender a essas demandas, produzindo e ofertando produtos de melhor qualidade e mais baratos.

Na segunda lição, Mises critica veementemente o socialismo com sua retórica da "luta de classes": é inadequado separar capitalistas de trabalhadores, uma vez que são os últimos que geram as rendas para os primeiros, ao comprarem os bens e serviços por eles oferecidos. Sendo assim, uma empresa, para ser de fato grande precisa produzir para um número muito elevado de consumidores, entre os quais devem ser incluídos os que trabalham nessa empresa. Sob o sistema socialista, por outro lado, o poder do consumidor deixa de existir, sendo transferido para as autoridades centrais que controlam toda a economia. Tomemos um exemplo do próprio Mises, o da liberdade de imprensa:

> Se for dono de todas as máquinas impressoras, o governo determinará o que deve e o que não deve ser impresso. Nesse caso, a possibilidade de se publicar qualquer tipo de crítica às ideias oficiais torna-se praticamente nula. A liberdade de imprensa desaparece. E o mesmo se aplica a todas as demais liberdades.

Mises encerra esta segunda conferência lembrando que *"o consumidor americano, o indivíduo, é tanto um comprador como um patrão"*. E acrescenta ser muito comum, ao sair de uma loja nos Estados Unidos, encontrarmos um cartaz com os dizeres "gratos pela preferência e volte sempre". Já em uma loja localizada em um país totalitário, seja a União Soviética do tempo em que as palestras foram proferidas, seja na Alemanha de Adolf Hitler (1889-1945), o gerente apenas diz: *"Agradeça ao grande líder, que lhe está proporcionando isso"*. Com essa parábola simples, o grande economista austríaco mostra que, no socialismo, ao invés do vendedor, é o comprador que deve ficar "agradecido" e, assim sendo, não é o comprador quem manda, mas algum comitê central de planejadores aos quais cabe ao povo, simplesmente, obedecer.

Na terceira lição Mises critica veementemente o intervencionismo nas economias de mercado, mostrando suas consequências negativas para a população que, curiosamente, os socialistas dizem defender. Sob o intervencionismo, o governo acaba obrigando os homens de negócios a conduzirem suas atividades de maneiras diferentes das que escolheriam caso tivessem de obedecer somente às necessidades dos consumidores refletidas pelas demandas, o que o leva a observar que o intervencionismo restringe e, no caso extremo, anula as preferências dos consumidores. Além disso, ao intervir na economia, o governo, por um lado, precisa aumentar seus gas-

tos, o que o faz mediante a emissão de moeda e/ou pelo aumento de sua dívida interna; por outro lado, precisa também formular cada vez mais regulamentações para interferir nas atividades de mercado. Outra medida intervencionista mencionada por Mises como sendo catastrófica é o controle de preços, que sempre gera ágio nos casos de fixação de preços máximos e superprodução nos casos de estabelecimento de preços mínimos.

A quarta conferência trata da inflação. Os economistas austríacos sempre disseram que aumentos na quantidade existente de moeda não geram benefícios para a sociedade, basicamente porque eles não alteram os serviços de troca que a moeda proporciona; apenas diluem o poder de compra de cada unidade monetária. Portanto, não existe nenhuma "necessidade social" que justifique o crescimento da quantidade de moeda, nem mesmo se a produção ou a população aumentarem: simplesmente, as pessoas poderão manter uma proporção maior de dinheiro para uma dada quantidade de moeda, gastando menos, o que fará subir o poder de compra desse dinheiro. Inflação significa simplesmente que se a moeda e o crédito são "inflados", os agentes econômicos passam a dispor de mais dinheiro para comprar bens e serviços; ora, se a oferta desses últimos não cresce à mesma velocidade que a das emissões – o que é de se esperar, pois, no mundo real, tartarugas não conseguem acompanhar lebres –, então seus preços crescerão e continuarão a aumentar enquanto a causa persistir. Como disse o Professor Mises nesta conferência – usando um exemplo simples, porém definitivo! –, a batata é mais barata do que o caviar porque sua oferta é muito mais abundante. Pois em um processo inflacionário, a moeda e o crédito desempenham o papel da batata e os demais bens e serviços o do caviar: para comprar as mesmas quantidades de produtos, serão necessárias cada vez mais unidades monetárias, assim como para comprar caviar se gasta mais do que para comprar batatas. É tão simples! Se há mais reais circulando sem lastro, nada mais natural do que o valor do real diminuir relativamente aos dos demais bens! Há, para Mises, um falso dilema entre inflação e crescimento ou desemprego, e o "remédio" da inflação para conter o desemprego sempre se mostra, no mínimo, inócuo no longo prazo. Em última instância, a inflação se encerra com o colapso do meio circulante, como na Alemanha em 1923. O único método que permite a situação de "pleno emprego" é a preservação de um mercado de trabalho livre de empecilhos. A inflação é uma política, e sua melhor cura é a limitação dos gastos públicos.

A quinta lição é sobre o investimento externo. Mises frisa claramente que, para que os países menos desenvolvidos iniciassem um processo de desenvolvimento de suas economias, o investimento estrangeiro sempre foi um fator necessário, uma vez que esses investimentos representam um auxílio ao baixo nível de poupança doméstica. A hostilidade com os investimentos estrangeiros cria uma barreira ao desenvolvimento. O protecionismo é duramente criticado por Mises, porque nada acrescenta ao estoque de capital de um país, assim como o sindicalismo, que sempre se mostrou incapaz de aumentar não apenas a produtividade, mas os próprios salários, em termos reais, dos trabalhadores. Mises critica também os decretos governamentais que estabelecem pisos salariais, porque são geradores de desemprego. É bastante claro quando afirma peremptoriamente que:

> O que os sindicatos conseguem de fato produzir (quando são bem sucedidos na luta pela elevação dos salários) é um desemprego duradouro, permanente. Os sindicatos não têm como industrializar o país, não têm como elevar o padrão de vida dos trabalhadores. E este é o ponto crítico.

A sexta e última conferência versa sobre política e ideias. Mises afirma que os países acabam invariavelmente dominados por grupos de interesses, disputando privilégios pela via política, em detrimento dos demais. É pessimista, ao afirmar que são poucos os que se dedicam realmente na defesa do chamado bem comum. Por esse motivo, o campo das

ideias é muito importante e Mises lembra que as ideias intervencionistas, socialistas e inflacionistas foram formuladas por intelectuais. Uma das passagens mais importantes d'*As Seis Lições* é aquela em que Mises afirma que:

> Tudo o que ocorre na sociedade de nossos dias é fruto de ideias, sejam elas boas, sejam elas más. Faz-se necessário combater as más ideias. Devemos lutar contra tudo o que não é bom na vida pública. Devemos substituir as ideias errôneas por outras melhores, devemos refutar as doutrinas que promovem a violência sindical. É nosso dever lutar contra o confisco da propriedade, o controle de preços, a inflação e contra tantos outros males que nos assolam". E finaliza com convicção: "ideias, e somente ideias, podem iluminar a escuridão.

Defender as posições que assumiu naquelas memoráveis conferências, hoje em dia, ainda seria objeto de muitas críticas, haja vista o que vem acontecendo em todo o mundo em termos de intervencionismo e, sobretudo, na América Latina. Mas defendê-las no ano de 1958, no apogeu da Guerra Fria, em plena corrida espacial, logo após os soviéticos terem lançado, no final de 1957, o Sputnik, o primeiro satélite artificial, poderia parecer loucura para muitos e, para não menos pessoas, uma posição *demodée*, uma vez que tudo levava a crer que o sistema socialista tinha tudo para sobrepujar o capitalismo. Mas Mises, com firmeza e, sobretudo, com argumentos irrefutáveis, já mostrara, no início da década de 1920, que o socialismo inviabilizava o cálculo econômico e que, portanto, era um sistema que já nascia condenado ao fracasso.

As Seis Lições é um conjunto de conferências que se constitui em um libelo em defesa da liberdade individual, recheado de argumentos irrefutáveis e de exemplos históricos inescapáveis. É um livro de fácil leitura, mas, paradoxalmente, profundo, pois leva o leitor a refletir sobre muitas coisas de que ou não ouvira falar ou então que lhe foram transmitidas pelos caminhos tortuosos que tanto agradam aos professores e intelectuais ideólogos. ∽

Ubiratan Jorge Iorio
Professor Associado da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Presidente Executivo e CEO do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)
Diretor Acadêmico do Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB)
Editor Responsável de *MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia.*
Graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Doutorado em Economia pela Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro (EPGE/FGV-RJ)
ubiratan@mises.org.br